

CONHECIMENTO TRADICIONAL DA AVIFAUNA PELOS INDÍGENAS KAYABI, AMAZÔNIA MERIDIONAL, BRASIL

*Traditional knowledge on the birds by indigenous Kayabi, Southern Brazilian
Amazon Rainforest*

*Conocimiento tradicional de la avifauna por los indígenas Kayabi, Amazonia
Meridional, Brasil*



Fabio Rossano DARIO – Engenheiro Florestal na área de Ecologia, com ênfase em Conservação da Natureza e Etnobotânica, São Paulo, Brasil. *ORCID ID:* <https://orcid.org/0000-0002-9603-0663> *CURRICULUM LATTES:* <http://lattes.cnpq.br/3318085652654563>
EMAIL: fabiorossano@hotmail.com

RESUMO

Este estudo teve como objetivo um levantamento do conhecimento que os indígenas Kayabi possuem sobre a avifauna de ocorrência natural na Terra Indígena Kayabi, localizada na Amazônia, entre os estados do Pará e Mato Grosso, Brasil. Para coleta de dados foram realizadas entrevistas com vinte e dois indígenas que citaram 165 espécies de aves e mostraram amplo conhecimento ecológico sobre estas aves, incluindo categorias relacionadas à morfologia, hábitos alimentares, habitats e vocalização.

Palavras-chave: Aves. Interações ecológicas. Indígenas. Amazônia.

ABSTRACT

The objective of this study was accomplishes a knowledge survey of the Kayabi indigenous on the birds of natural occurrence in their territory, who is located in Amazon Rainforest, between the states Pará and Mato Grosso, Brazil. As method for collect the data were used open and semi-structured interviews. Twenty two indigenous were interviewed. The interviewees mentioned 165 different species of birds and they showed wide ecological knowledge regarding these birds.

Keywords: Birds. Ecological interactions. Indigenous. Amazon Rainforest.

RESUMEN

Este estudio logra como objetivo un levantamiento del conocimiento que los indígenas Kayabi poseen sobre la avifauna de ocurrencia natural en la Tierra Indígena Kayabi, ubicada en la Amazonia, entre los estados de Pará y Mato Grosso, Brasil. Para la recolección de datos se realizaron entrevistas con veintidós indígenas que citaron 165 especies de aves y mostraron amplio conocimiento ecológico sobre

Histórico do artigo

Recebido: 03 agosto, 2018
Aceito: 22 novembro, 2018
Publicado: 29 dezembro, 2018

estas aves, incluyendo categorías relacionadas a la morfología, hábitos alimentarios, hábitats y vocalización.

Palabras clave: Aves. Interacciones Ecológicas. Indígena. Amazonas.

1 INTRODUÇÃO

A etnoornitologia descreve e analisa os conhecimentos e as práticas das populações locais, permitindo uma compreensão das relações entre humanos e aves, que são um dos grupos de animais mais conhecidos e as pessoas costumam conferir-lhes nomes que geralmente se relacionam com características marcantes como comportamento, forma, cor ou manifestações sonoras (FARIAS & ALVES, 2007, p. 91).

O conhecimento ecológico tradicional é um sistema de conhecimento que reflete a adaptação das populações humanas em seus ambientes. Trabalhos de etnoornitologia estudam o conhecimento local sobre as aves, possibilitando uma mínima e necessária compreensão dos processos cognitivos humanos em relação à avifauna. Uma concepção mais ampla sobre o conhecimento ornitológico não formal das diversas sociedades poderá auxiliar os observadores formais a valorizarem o conhecimento popular ou local e relativizar a visão utilitarista e nominal (FARIAS & ALVES, 2007, p. 98).

Um conhecimento abrangente das práticas indígenas em relação à fauna silvestre pode ser obtido por intermédio de estudos etnobiológicos. Entre os enfoques que mais têm contribuído para o estudo do conhecimento das populações tradicionais estão as etnociências, que se fundamentam na linguística para estudar os saberes das populações humanas sobre os processos naturais, tentando descobrir a lógica subjacente ao conhecimento humano do mundo natural, as taxonomias e as classificações totalizadoras (DIEGUES & ARRUDA, 2001, p. 37).

O principal objetivo deste estudo foi realizar um levantamento do conhecimento que os indígenas Kayabi possuem sobre a avifauna de ocorrência natural na Terra Indígena Kayabi, localizada no sul da Amazônia, entre os estados do Pará e Mato Grosso. Espera-se que este estudo traga contribuições para a conservação da diversidade biológica e cultural da região estudada, para a compreensão de diferentes aspectos do comportamento humano, como as estratégias de sobrevivência e adaptação ao meio ambiente, classificação, manejo e conservação dos recursos naturais, nas diversas formas de transmissão dos conhecimentos, alicerçando e estreitando as relações de parentesco entre os membros da comunidade estudada.

O povo indígena Kayabi, cuja língua pertence ao tronco Tupi, vive em maioria no Parque Indígena do Xingu, sendo um dos mais numerosos grupos indígenas dentro deste parque e uma menor parte vive na terra indígena próxima ao Rio Teles Pires, que é a locação da terra tradicional desta etnia (MELIÁ, 1993, p. 487). A caracterização dos Kayabi enquanto grupo autônomo é conhecida desde pelo menos 1850, quando foram mencionados na literatura antropológica como “*Cajahis*” (CASTELNAU, 1949).

A origem do nome Kayabi vai além da memória dos mais velhos, que não sabem ao certo como surgiu essa designação. É bem possível que se refira à forma pela qual os Apiaká ou Bakairi a eles se referiam, uma vez que estavam em constante contato e foi a partir de informações dessas duas etnias que se teve as primeiras notícias dos Kayabi. Outra autodenominação mais antiga do grupo é *ipitunuun*, “nosso pessoal” (OLIVEIRA, 2010, p. 10). Professores do Parque Indígena do Xingu decidiram optar pela grafia Kayabi, assim utilizada neste artigo. Ainda existe a denominação *kawaiweté*, “gente do mato”, com um movimento partindo do Parque Indígena do Xingu para que os Kayabi passem a ser chamados por esta designação (SENRA *et al.*, 2006, p.252).

A abordagem utilizada neste estudo foi qualitativa, pelo fato dos dados terem sido obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, onde seguem os diálogos livres na obtenção de dados descritivos oriundos de relatos do público alvo (VIERTLER, 2002, p.14). A fundamentação na abordagem deste trabalho, com a metodologia qualitativa, abrange uma construção socioafetiva do conhecimento, uma vez que tal conhecimento faz parte integrante da história e da realidade dos sujeitos.

Segundo Minayo & Sanches (1993, p. 245), o objeto da abordagem qualitativa é o nível das percepções e dos sentimentos, em constante interação com os elementos ecológicos, dos significados, motivos, aspirações, atitudes, crenças e valores, que se expressam pela linguagem comum e na vida cotidiana, procurando aprofundar-se na complexidade dos fenômenos.

2 METODOLOGIA

2.1 Localização do território indígena estudado

Até o final do século XIX e meados do século XX os Kayabi habitaram praticamente toda a extensão do vale do médio rio Teles Pires, no centro do estado de Mato Grosso. Pressionados pelas frentes econômicas dedicadas à expansão nacional,

especialmente com a chegada de seringueiros e a implantação de projetos de colonização do Brasil Central, parte do grupo deslocou-se em direção ao extremo norte do estado, na divisa com o Pará, empreendendo, no início do século XX, a ocupação daquela que iria se constituir como Terra Indígena Kayabi. Existem também Kayabi habitando o rio dos Peixes e o Parque Indígena do Xingu, em razão dos processos de transferência que vivenciaram em razão dos projetos de desenvolvimento da porção central-leste do estado de Mato Grosso (OLIVEIRA, 2010, p. 10).

A Terra Indígena Kayabi está localizada na Amazônia Meridional, no curso baixo do rio Teles Pires, abrangendo parte dos municípios Jacareacanga (sudoeste do estado do Pará) e Apiacás (norte do estado do Mato Grosso), numa área de aproximadamente 1.053.000 hectares (STUCHI, 2010, p. 40), entre as coordenadas geográficas 7°54' e 9°13' de latitude sul e 56°39' e 57°54' de longitude oeste (Figura 1). De acordo com o senso realizado neste estudo, através de informações colhidas nas aldeias estudadas, a Terra Indígena Kayabi contava, em junho de 2011, com 319 indígenas, sendo 223 moradores da aldeia Kururuzinho, 20 da aldeia Coelho, 28 da aldeia Tukumã, 13 da aldeia Minhocuçu e 35 da aldeia São Benedito.

Figura 1 – Localização da Terra Indígena (TI) Kayabi.



Fonte: ISA - Instituto Socioambiental (2018).

2.2 Caracterização da paisagem na região de estudo

A Terra Indígena Kayabi contemplada neste estudo encontra-se situada no bioma Amazônia, predominando as fitofisionomias Floresta Ombrófila Densa e Floresta Ombrófila Aberta, além de Floresta Estacional Decidual e Savana, na maioria das vezes em áreas de tensão entre duas fitofisionomias. A Floresta Ombrófila Aberta ocorre principalmente ao longo do rio Teles Pires, onde são comuns espécies arbóreas como castanheira-do-pará (*Bertholletia excelsa*), abiurana (*Pouteria lasiocarpa*), acapu (*Vouacapoua americana*), marupá (*Simarouba amara*), tatajuba (*Bagassa guianensis*), itaúba (*Mezilaurus itauba*), angelim (*Dinizia excelsa*), paricá (*Schyzolobium amazonicum*) entre outras, além de agrupamentos de palmeiras, como babaçu (*Orbignya phalerata*), açaí (*Euterpe oleracea*) e inajá (*Attalea maripa*) (IBGE, 2012).

Nas áreas de Tensão Ecológica entre Floresta Ombrófila Aberta e Floresta Estacional Decidual, as espécies florestais mais comuns são a castanheira-do-pará (*Bertholletia excelsa*), pau-de-remo (*Chimarrhis turbinata*), cacau-do-mato (*Theobroma speciosum*), ipê-roxo (*Tabebuia impetiginosa*), marupá (*Simarouba amara*), amarelão (*Apuleia molaris*), acapu (*Vouacapoua americana*), jeniparana (*Gustavia augusta*), tatajuba (*Bagassa guianensis*), abiurana (*Pouteria lasiocarpa*), envira-preta (*Guatteria poeppigiana*), itaúba (*Mezilaurus itauba*), angelim (*Dinizia excelsa*), araracanga (*Aspidosperma araracanga*), entre outras, além de agrupamentos de palmeiras como babaçu (*Orbignya phalerata*), inajá (*Attalea maripa*), bacaba (*Oenocarpus bacaba*), açaí (*Euterpe oleracea*), buriti (*Mauritia flexuosa*) e paxiúba (*Socratea exorrhiza*) (IBGE, 2012).

2.3 Uso e ocupação do território indígena

Os modos de uso e ocupação da Terra Indígena Kayabi abrangem diversos aspectos dos modos de organização social do grupo e se expressa por meio de um conhecimento da área indígena a partir de sua classificação social, econômica, política e sociocossmológica. Essa classificação termina por perpassar os diversos espaços que compõe aquela que hoje é conhecida como Terra Indígena Kayabi. Esta percepção guiou a elaboração do trabalho de Oliveira (2010, p. 28), que procurou analisá-la utilizando o conceito de cosmografia de Little (1997, p. 3), onde a cosmografia de um grupo inclui seu regime de propriedade, os vínculos afetivos que mantém com seu território específico, a

história da sua ocupação guardada na memória coletiva, o uso social que dá ao território e as formas de defesa dele.

Desta forma, o rio Teles Pires fornece a base referencial para a construção de uma espacialidade dentro da Terra Indígena Kayabi, que é dividida em áreas das aldeias antigas e atuais, locais sagrados como cemitérios e o lago do Jabuti (*y'piawã*), locais de pesca, de caça, de coleta e das roças de mandioca e de policultivo, sendo que os Kayabi utilizam trechos específicos do rio Teles Pires e seus afluentes, especialmente os rios Apiacás, São Benedito, Santa Rosa e Cururu-açu.

A Terra Indígena Kayabi está inserida numa região de floresta amazônica bem conservada, sendo que as práticas de cultivo e extrativismo dos indígenas não têm causado danos ao ambiente natural. O limite sul da Terra Indígena Kayabi, nos estados do Pará e Mato Grosso sofre com o avanço da agropecuária, com a substituição gradual das florestas por áreas de pastagens para o gado, com registros de invasão destas pastagens em território indígena.

2.4 Coleta de dados

Os estudos na Terra Indígena Kayabi foram realizados entre o dia 28 de maio e 03 de junho de 2011, após autorização dos Kayabi e da FUNAI. Foram entrevistadas pessoas de diferentes idades e sexos das aldeias Kururuzinho, Coelho, Tukumã e Minhocuçu, localizadas na margem direita do rio Teles Pires e aldeia São Benedito, localizada na margem direita do rio São Benedito. A escolha dos entrevistados deu-se com a sua indicação na aldeia baseado no conhecimento sobre a avifauna, mas não somente aqueles que aparentemente são detentores de tais conhecimentos, como os caçadores e coletores que passam grande parte do seu tempo em incursões pela floresta e em maior contato com a avifauna de diferentes ambientes, muitos deles distantes das aldeias.

Foram entrevistados 22 indígenas, além de depoimentos informais, através de diálogos individuais e em grupos, com a descrição das espécies pelos entrevistados e a sua confirmação com auxílio de bibliografias ilustradas da avifauna, de documento elaborado com desenhos coloridos de mais de mil espécies de aves retirados dos guias de aves do Brasil (SIGRIST, 2006) e da Venezuela (SCHAUENSEE & PHELPS, 1978), com o guia da Venezuela contendo muitas espécies de ocorrência natural na Amazônia brasileira. Através de caminhadas pela floresta e navegando por rios e córregos pelas

margens das matas ciliares, sempre acompanhado por indígenas, várias espécies de aves puderam ser identificadas e confirmadas.

A pergunta feita aos entrevistados, no início dos trabalhos e com a apresentação do guia ilustrado de aves, foi “quais os pássaros que você conhece destes desenhos que iremos ver?”, com o objetivo de elaborar a lista livre de etnoespécies conhecidas pelos entrevistados. Detalhes das espécies foram dados espontaneamente, sem que fossem feitas perguntas que pudessem dirigir a algum assunto específico.

Durante as entrevistas, os entrevistados forneceram dados qualitativos que categorizavam as etnoespécies quanto ao voo, cor das penas, tipo de ninhos, hábito alimentar, hábitat, comportamento, os que eventualmente caçam e vocalização.

Ao final de cada entrevista foi pedido ao entrevistado que indicasse nomes de pessoas que julgasse saber sobre o assunto relativo às aves, com a finalidade de construir a rede social e realizar as próximas entrevistas.

Informações colhidas nas entrevistas são apresentadas neste texto em itálico, outras referenciadas em itálico seguidas de dados do informante, de maneira genérica, por exemplo, (B. Kayabi, 47 anos, ♂, aldeia Kururuzinho), para evitar qualquer tipo de constrangimento.

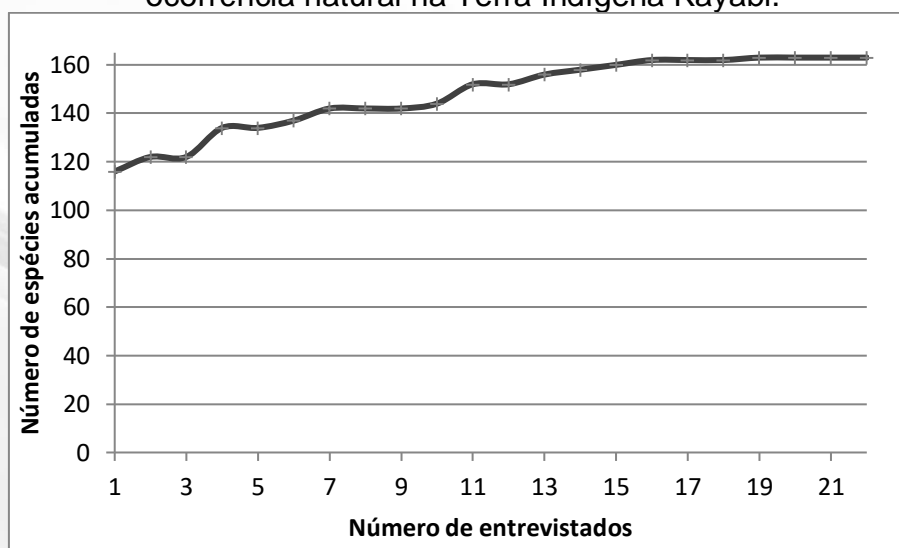
Para a nomenclatura científica da avifauna e os nomes em português foi utilizada a Lista das Aves do Brasil, do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO, 2015). Alguns nomes das aves na língua Kayabi foram gentilmente grafados por entrevistados durante a pesquisa.

Foi realizada uma análise quantitativa dos dados, baseada na intensidade de informação, onde se considerou o número de vezes em que determinada espécie foi mencionada como de ocorrência natural na Terra Indígena Kayabi.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O número de entrevistas realizadas foi satisfatório, visto que a quantidade de espécies de aves citadas (N = 165) pelos entrevistados como de ocorrência natural na terra indígena em estudo começou a se estabilizar a partir da décima segunda entrevista, conforme observado na curva acumulativa de espécies (Figura 2).

Figura 2 - Curva acumulativa das espécies de aves citadas pelos entrevistados como de ocorrência natural na Terra Indígena Kayabi.



Fonte: trabalho de campo.

O conhecimento das características de determinadas espécies de aves e a sua relação com o ambiente em que vivem é passado e aprendido de maneira informal, embora as inter-relações bióticas e míticas estejam preservadas geralmente entre os mais velhos e alguns poucos jovens, o que demonstra que tem de haver interesse, iniciativa das pessoas para se adquirir tais conhecimentos.

Constatou-se que poucas pessoas têm conhecimento dos nomes das aves na língua Kayabi, apenas 28% das 165 espécies de aves reconhecidas como de ocorrência natural na Terra Indígena Kayabi tiveram os seus nomes indicados em Kayabi e 48% o seu nome indicado em português, mesmo que de forma generalizada, como beija-flor e martim-pescador. A língua portuguesa é predominante entre os Kayabi e são poucas as pessoas da etnia Kayabi que vivem fora do Parque Indígena do Xingu que falam a língua materna (SOUZA, 2004, p. 17).

Vuilleumier (1999, p. 71) reconhece a existência de um efeito negativo na padronização dos nomes comuns, como a perda das tradições na linguagem local, mas mesmo assim, defende essa padronização. Equivocadamente, o autor considerou o Brasil como um dos países que já têm essa situação de padronização estabelecida. Os nomes comuns de aves do Brasil são de origem portuguesa ou indígena e geralmente são designações regionais estabelecidas por meio das culturas locais e das tradições orais (IHERING, 1899; GARCIA, 1929; VIEIRA, 1936).

Para as espécies de sanhaços (*Tangara episcopus*, *Tangara sayaca* e *Tangara palmarum*), alguns entrevistados utilizaram o nome *sanhaçu* de forma generalizada e para

espécies da família Pipridae (*Pipra fasciicauda*, *Ceratopipra rubrocapilla* e *Manacus manacus*) atribuíram o nome de “tangará”, ambos os nomes de origem tupi (CUNHA, 1978, p. 278), sendo que os Kayabi falam uma língua da família Tupi-Guarani (SILVA & STUCHI, 2010, p. 52).

A partir das informações colhidas nas entrevistas com apresentação de imagens de aves, foram registradas 165 espécies de aves, havendo a constatação de 53% destas espécies em observações em campo, através do canto e/ou visualmente.

Sick (2001, p. 98) afirma que, para diversas espécies de aves, as manifestações sonoras são tão características quanto os seus aspectos morfológicos. Segundo o autor “a voz trai uma ave que não se vê ou que não se consegue ver suficientemente bem, na densa vegetação, no voo, à hora do crepúsculo ou à noite. Frequentemente não se chega a ver direito mais de dois terços das aves que se encontram durante uma incursão”.

Este fato se aplica muito bem para a espécie *Lipaugus vociferans*, conhecido por cricrió, é uma das espécies mais conspícuas da Amazônia, pela forte vocalização. Possui comportamento em leque, onde os indivíduos se juntam numa distância variável e cantam em grupo, para se exibir e chamar a atenção da fêmea para a cópula (SNOW, 1982). Porém é uma ave de difícil visualização, pois ocupa o dossel da floresta e possui uma coloração pouco atraente. Mesmo assim, a espécie foi identificada por 41% dos entrevistados quando foi mostrado o seu desenho numa página com outros desenhos de espécies de aparência semelhante. Estes e outros exemplos demonstram o alto grau de observação entre os Kayabi e um conhecimento profundo deste grupo com o ambiente em que vivem, como o registro de um exemplar albino da espécie *Psittacara leucophthalmus* presente num bando de cerca de vinte indivíduos desta espécie de psitacídeo que nos foi comunicado por um jovem da aldeia Kururuzinho.

Alguns informantes apresentaram nomes idênticos na língua Kayabi para aves distintas, a exemplo das espécies *Psarocolius decumanus* e *Psarocolius bifasciatus*, chamadas de *jafu*, porém foram descritas como espécies diferentes e de hábitos semelhantes. O mesmo aconteceu para as espécies *Falco sparverius* e *Falco ruficularis*, distintas nas suas características morfológicas, porém genericamente chamadas de *kwanu*.

Parece também não haver diferença nos nomes de diversas espécies como os tucanos e araçarís, genericamente chamados por *yokwet*, assim como *ypekun* é a designação genérica para diversas espécies de pica-pau, *yatawosi* para os martim-pescadores e *myjuijui* para as andorinhas. O mesmo nome comum para determinados

grupos de espécies parece ter origem a partir de aspectos relacionados às suas características morfológicas, canto e comportamento, fato que corrobora com os estudos de Giannini (1991) realizado com os indígenas Xikrin, no estado do Pará, que nomeiam e classificam as aves através de princípios de sistemas classificatórios com base na morfologia, cantos, habitats e principalmente, por meio da compreensão dos mitos.

Das 165 espécies de aves registradas neste estudo (Tabela 1), apenas uma não foi confirmada em bibliografia como de ocorrência natural para a região de estudo. Trata-se da espécie *Ampelion rubrocristatus*, cuja ocorrência se limita a Bolívia, Peru, Colômbia e Venezuela (SCHAUENSEE & PHELPS, 1978, p. 228). Porém, foi confirmada a sua ocorrência na Terra Indígena Kayabi por dois dos entrevistados.

O conhecimento da riqueza da avifauna entre os Kayabi torna-se surpreendente não somente pelo grande número de espécies identificadas, mas também no alto grau de observação dos indígenas, a ponto de indicarem detalhes taxonômicos que individualizam espécies semelhantes taxonomicamente, além de agruparem determinadas espécies em sistema de guildas tróficas.

Para o primeiro caso, podemos citar as diferentes espécies de tinamídeos e cracídeos, de araras e papagaios, beija-flores, tiranídeos e icterídeos, que foram identificados nas entrevistas, muitas vezes através de pequenos detalhes taxonômicos. Para parte destas espécies houve a informação do respectivo nome em Kayabi, o que não aconteceu para as espécies “menos importantes” do ponto de vista cultural. No segundo caso, o que mais chamou a atenção foi o agrupamento de espécies de aves das famílias Picidae e Dendrocolaptidae na guilda “comedores de larvas de insetos em troncos de árvores”. Os Kayabi associam pica-paus e subideiras pela dinâmica de captura de larvas de insetos nos troncos das árvores ser muito semelhante para estes dois grupos de aves.

A criação de aves silvestres no Brasil é um costume advindo das populações indígenas, que incorporam elementos avifaunísticos em suas lendas, mitos, superstições, canções, rituais e desenhos rupestres. Além disso, eles também utilizam aves para a “diversão doméstica”, mantendo-as como xerimbabos, palavra de origem Tupi (CUNHA, 1978, p. 315).

Porém, o único registro de espécie da avifauna utilizada como xerimbabo neste estudo foi de um exemplar de *Phaetusa simplex*. A espécie se reproduz em colônias e é comum ser avistada solitária ou em pequenos grupos e até mesmo junta a outras espécies (SIGRIST, 2006, p. 436). No período da seca, quando as águas estão baixas, os

ovos são postos na areia das praias do rio Teles Pires e seus afluentes. O registro desta espécie foi feito na aldeia Kururuzinho, sendo um filhote criado solto, junto com as galinhas.

Dentre as espécies “mais importantes”, ou seja, aquelas que foram identificadas por um maior número de entrevistados e cuja maioria foi apresentada com o nome em Kayabi, estão àquelas utilizadas pelos indígenas na arte plumária, como as araras *Ara macao*, *Ara chloropterus* e *Ara ararauna*, diversas espécies de papagaios e maitacas, como *Amazona amazonica*, *Pionus maximiliani* e *Eupsittula aurea*, o mutum-cavalo (*Pauxi tuberosa*), falcões e gaviões como *Busarellus nigricollis*, *Harpia harpyja* e *Herpetotheres cachinnans*, tucanos e araçaris, aves com cujas penas os Kayabi confeccionam braceletes e diademas, que são utilizadas em manifestações festivas.

Alguns nomes de aves na língua Kayabi são formados por palavras onomatopaicas, ou seja, por simbolismo sonoro imitativo, como o *Herpetotheres cachinnans* (*makawã*), *Ara chloropterus* (*araruu*) e *Pitangus sulphuratus* (*pitawã*). Alguns Kayabi fizeram representações sonoras imitando o canto e/ou souberam identificar o canto durante as caminhadas pela floresta, destas três espécies e de outras, como *Crypturellus undulatus*, *Crypturellus parvirostris*, *Odontophorus gujanensis*, *Ictinia plumbea*, *Aramides cajaneus*, *Columbina squammata*, *Leptotila verreauxi*, *Nyctibius grandis*, *Nyctidromus albicollis*, *Trogon viridis*, *Momotus momota*, *Ramphastos vitellinus*, *Picumnus cirratus*, *Lipaugus vociferans* e *Cyclarhis gujanensis*.

Alguns nomes de aves na língua Kayabi estão relacionados à predominância da coloração das penas, a exemplo do *uruwusing* (*Sarcoramphus papa*), o sufixo *sing* (branco), *kaninepirang* (*Ara macao*), o sufixo *pirang* (vermelho), *kwanüpytang* (*Busarellus nigricollis*), o sufixo *pytang* (avermelhado), *mitun* (*Pauxi tuberosa*), o sufixo *un* (preto). Houve também associações de aves com outros animais e ambientes, como *Monasa nigrifrons* (*yaum*), que alguns entrevistados disseram se tratar do “pássaro da onça” e *Chelidoptera tenebrosa* (*tapera-i*), espécie associada aos ambientes de praia.

Entre os entrevistados, 64% traçaram conexões de espécies de aves com os locais aonde vivem e seus comportamentos, a exemplo dos “que passam a maior parte do tempo no chão” (*Tinamus tao*, *Crypturellus undulatus*, *Crypturellus variegatus*, *Crypturellus parvirostris*), os “que voam e ficam no alto das árvores, mas passam bastante tempo no chão” (*Pauxi tuberosa*, *Penelope superciliaris*, *Ortalis guttata*, *Patagioenas speciosa*), os “que vivem na beira dos rios e comem peixes” (*Megaceryle torquata*, *Chloroceryle amazona*, *Chloroceryle americana*, *Busarellus nigricollis*), os “que vivem nos

brejos e lagoas” (*Aramides cajaneus*, *Laterallus viridis*, *Jacana jacana*, *Ardea cocoi*, *Ardea alba*, *Tigrisoma lineatum*, *Butorides striata*), os “que constroem ninhos todos juntos numa mesma árvore” (*Icterus cayanensis*, *Cacicus haemorrhous*), os “que voam juntos em grandes bandos” (*Psittacara leucophthalmus*, *Forpus xanthopterygius*, *Pionus maximiliani*, *Crotophaga ani*, *Guira guira*), os “que vivem em casal” (*Ara ararauna*, *Ara chloropterus*, *Crypturellus undulatus*), os “que comem larvas de insetos dos troncos de árvores” (*Sittasomus griseicapillus*, *Xiphorhynchus guttatus*, *Veniliornis passerinus*, *Dryocopus lineatus*), os “que às vezes desaparecem, mas voltam depois de algum tempo” (*Progne tapera*, *Progne chalybea*, *Turdus amaurochalinus*), sendo que 72% dos entrevistados demonstraram ter uma compreensão ecossistêmica, relacionando o lugar onde determinadas espécies de aves vivem com a disponibilidade de alimento, com a nidificação e com o hábito alimentar.

Há muitas espécies vegetais cujas épocas de amadurecimento das frutas estão relacionadas pelos Kayabi com as variações populacionais de determinadas espécies de aves frugívoras, como os tucanos e araçarís à frutificação do açaí (*Euterpe oleracea*), o *Cacicus cela* com a frutificação do taperebá (*Spondias mombin*), espécies de psitacídeos com a frutificação de lauráceas (*Ocotea* spp e *Nectandra* spp).

A concentração destas aves, algumas bastante conspícuas, como os psitacídeos e ranfastídeos, indicam os locais dos “fruteiros”, onde os Kayabi montam os “girais” para a caça de animais que se alimentam dos frutos que caem no chão e que são fontes de proteína indispensável para a alimentação dos indígenas, tais como pacas e cotias, além destas aves serem indicadoras de frutas comestíveis.

Destacaram-se pela quantidade de comentários sobre as características físicas e comportamentais, o mutum-cavalo (*Pauxi tuberosa*), jaó (*Crypturellus undulatus*), acauã (*Herpetotheres cachinnans*), araras e papagaios, a exemplo da araracanga (*Ara macao*) e do papagaio curica (*Amazona amazonica*). São conhecidas pelos Kayabi muitas espécies de aves de rapina e muitas delas são identificadas através da sua “comida predileta”. Desta forma, o falcão acauã (*Herpetotheres cachinnans*) é conhecido entre os Kayabi, por ser um voraz comedor de cobras, o gavião-pedrês (*Buteo nitidus*) por comer galinhas, o gavião-pernilongo (*Geranospiza caerulescens*) pela habilidade em caçar galinhas, o gavião-belo (*Busarellus nigricollis*) por ser um ágil pescador.

Foi salientado, por 18% dos entrevistados, o fato do falcão acauã (*Herpetotheres cachinnans*) ser um voraz comedor de cobras, e de que “as cobras fogem de medo quando ouvem o grito do makawã, então, os Kayabi, quando vão caçar, imitam o grito do

makawã e assim eles têm menos chance de serem mordidos pelas cobras, que fogem deles” (R. Munduruku, 23 anos, ♂, aldeia Kururuzinho). Um relato muito parecido a este foi descrito pelo padre Manuel Aires de Casal no seu livro “Corografia Brazílica” ou “Relação histórico-geográfica do Reino do Brazil”, este que foi o primeiro livro editado no Brasil, no ano de 1817 (CUNHA, 1978, p. 45). De acordo com 77% dos entrevistados, o canto do *makawã* é de péssimo agouro em todos os sentidos.

De acordo com Grünberg (2004, p. 209), os Kayabi concebem um cosmos dividido em várias camadas superpostas, habitadas por uma infinidade de seres sobrenaturais, como, por exemplo, os diversos “chefes” ou “donos” de animais, os perigosos *anyang* e *mama'é* que roubam as almas dos homens, os heróis culturais, a exemplo do *Tuiararé*, que criou as diversas etnias indígenas que existem hoje e os *Ma'it*, grandes pajés do céu. Todos esses seres povoam os mitos e narrativas através dos quais os Kayabi compreendem e atuam no universo em que vivem.

Desta forma, a vida dos Kayabi é entrelaçada com o conhecimento a respeito do mundo sobrenatural, muitas vezes ligadas às interações de elementos ecológicos com significados e valores profundamente complexos que permeiam as crenças e os valores deste povo. Algo realmente fascinante, entre tantas histórias contadas pelos Kayabi, um entrevistado falou sobre um pássaro noturno, de nome *anham*, cujo “espírito entra na alma da pessoa que está dormindo e esta tenta gritar, mas ele não deixa” (B. Kayabi, 47 anos, ♂, aldeia Kururuzinho). Parece se tratar de outra espécie que não o urutau-grande (*Nyctibius grandis*), ave noturna de canto nostálgico e lamuriante, à qual são atribuídos inúmeros mitos. Isso demonstra o quanto o conhecimento Kayabi sobre as espécies da avifauna deve ser entendido dentro de um processo mais amplo de conhecimento das espécies naturais, envolvendo seus significados simbólicos no cotidiano da aldeia para alimento, rituais, mitos e sonhos (CARRARA, 1997).

A Terra Indígena Kayabi é considerada, pelos indígenas, como um local de “fartura”, no que diz respeito à alimentação, com abundância de diversos tipos de peixe e de animais de caça, mas nem todos são considerados adequados para consumo das pessoas, perspectiva também constatada por Stuchi (2010, p. 30), quando menciona ter observado uma diferença de *status* entre alguns animais caçados considerados como boa caça em comparação com aqueles considerados como impróprios para o consumo por implicarem perigo físico e espiritual, como, por exemplo, tamanduá, ariranha, lontra e as aves cigana (*Opisthocomus hoazin*) e saracura (*Aramides cajaneus*), sendo que entre as aves, a espécie mais caçada pelos Kayabi é o mutum-cavalo (*Pauxi tuberosa*).

A integridade e a complexidade de uma floresta são fatores que influenciam a composição, abundância e provavelmente as funções da assembleia de diferentes espécies de animais. Desta forma, nos ambientes florestais, onde ocorre uma estratificação vertical de recursos, estas espécies se distribuem ocupando uma alta diversidade de nichos tróficos, utilizando alturas diferentes da floresta, e a grande diversidade de espécies de aves nas áreas dos Kayabi, distribuídas em diferentes guildas tróficas, significa ecossistemas relativamente equilibrados e de inestimável valor biológico.

Tabela 1 – Espécies de aves catalogadas para a Terra Indígena Kayabi.
Registro: E (entrevista), D (direto: auditiva e/ou visualmente); PI (percentual de informação).
Nomes científicos e em português de acordo com CBRO (2015).

Ordem/Família/Espécie	Nome em Kayabi	Nome em Português	Registro	PI (%)
Tinamiformes				
Tinamidae				
<i>Tinamus tao</i>	<i>Tekwapa</i>	Azulona	E	72
<i>Crypturellus undulatus</i>	<i>Inamuú</i>	Jaó	E, D	86
<i>Crypturellus variegatus</i>	-	Inhambu-anhangá	E	45
<i>Crypturellus parvirostris</i>	-	Inhambu-chororó	E, D	72
Anseriformes				
Anatidae				
<i>Cairina moschata</i>	-	Pato-do-mato	E, D	64
<i>Amazonetta brasiliensis</i>	<i>Ypegi</i>	Ananaí	E, D	72
Galliformes				
Cracidae				
<i>Penelope superciliaris</i>	<i>Jakupemuü</i>	Jacupemba	E, D	90
<i>Ortalis guttata</i>	<i>Arakwaĩ</i>	Aracua-pintado	E, D	64
<i>Crax globulosa</i>	-	Mutum-de-fava	E	68
<i>Crax fasciolata</i>	-	Mutum-de-penacho	E	86
<i>Pauxi tuberosa</i>	<i>Mitun</i>	Mutum-cavalo	E, D	95
Odontophoridae				
<i>Odontophorus gujanensis</i>	<i>Uri-i</i>	Uru-corcovado	E, D	64
Suliformes				
Phalacrocoracidae				
<i>Nannopterum brasilianus</i>	-	Biguá	E, D	82
Pelecaniformes				
Ardeidae				
<i>Tigrisoma lineatum</i>	-	Socó-boi	E, D	45
<i>Butorides striata</i>	-	Socozinho	E	64
<i>Bubulcus ibis</i>	-	Garça-vaqueira	E	64
<i>Ardea cocoi</i>	-	Garça-moura	E, D	59
<i>Ardea alba</i>	-	Garça-branca	E, D	95
<i>Egretta thula</i>	-	Garça-branca-pequena	E	64
Cathartiformes				
Cathartidae				

<i>Cathartes aura</i>	<i>Yakaminan</i>	Urubu-de-cabeça-vermelha	E, D	77
<i>Coragyps atratus</i>	<i>Uruwupep</i>	Urubu	E, D	100
<i>Sarcoramphus papa</i>	<i>Uruwusing</i>	Urubu-rei	E	59
Accipitriformes				
Accipitridae				
<i>Gampsonyx swainsonii</i>	-	Gaviãozinho	E, D	59
<i>Elanus leucurus</i>	-	Gavião-peneira	E, D	36
<i>Accipiter bicolor</i>	-	Gavião-bombachinha-grande	E	41
<i>Ictinia plumbea</i>	-	Sovi	E, D	36
<i>Heterospizias meridionalis</i>	-	Gavião-caboclo	E, D	36
<i>Urubitinga urubitinga</i>	-	Gavião-preto	E	45
<i>Rupornis magnirostris</i>	-	Gavião-carijó	E, D	82
<i>Busarellus nigricollis</i>	<i>Kwanũpytang</i>	Gavião-belo	E, D	64
<i>Geranospiza caerulescens</i>	-	Gavião-pernilongo	E	41
<i>Buteo nitidus</i>	-	Gavião-pedrês	E, D	45
<i>Harpia harpyja</i>	<i>Kwanũũ</i>	Gavião-real	E	77
Gruiformes				
Rallidae				
<i>Aramides cajaneus</i>	<i>Arakur'i</i>	Saracura-três-potes	E, D	68
<i>Laterallus viridis</i>	-	Sanã-castanha	E	45
<i>Laterallus melanophaius</i>	-	Sanã-parda	E	50
Heliornithidae				
<i>Heliornis fulica</i>	<i>Paturí</i>	Picaparra	E	23
Charadriiformes				
Charadriidae				
<i>Vanellus chilensis</i>	-	Quero-quero	E, D	86
Jacanidae				
<i>Jacana jacana</i>	-	Jaçanã	E, D	90
Sternidae				
<i>Phaetusa simplex</i>	-	Trinta-réis-grande	E, D	36
Columbiformes				
Columbidae				
<i>Columbina talpacoti</i>	-	Rolinha	E, D	90
<i>Columbina squammata</i>	<i>Pyku'i</i>	Fogo-apagou	E, D	64
<i>Claravis pretiosa</i>	<i>Pyku'i peba</i>	Pararu-azul	E	59
<i>Patagioenas speciosa</i>	<i>Pykaupiririg</i>	Pomba-trocal	E, D	59
<i>Zenaida auriculata</i>	-	Avoante	E, D	64
<i>Leptotila verreauxi</i>	-	Juriti-pupu	E, D	50
<i>Leptotila rufaxilla</i>	-	Juriti-de-testa-branca	E	09
Opisthocomiformes				
Opisthocomidae				
<i>Opisthocomus hoazin</i>	-	Cigana	E, D	36
Cuculiformes				
Cuculidae				
<i>Coccyzua minuta</i>	-	Chincoã-pequeno	E	04
<i>Piaya cayana</i>	<i>Asigãuu</i>	Alma-de-gato	E, D	50
<i>Crotophaga ani</i>	-	Anu-preto	E, D	86

<i>Guira guira</i>	-	Anu-branco	E, D	41
<i>Tapera naevia</i>	-	Saci	E, D	23
Strigiformes				
Tytonidae				
<i>Tyto furcata</i>	-	Suindara	E	41
Strigidae				
<i>Athene cunicularia</i>	-	Coruja-buraqueira	E, D	77
Nyctibiiformes				
Nyctibiidae				
<i>Nyctibius grandis</i>	-	Urutau-grande	E	18
Caprimulgiformes				
Caprimulgidae				
<i>Antrostomus rufus</i>	-	João-corta-pau	E, D	23
<i>Nyctidromus albicollis</i>	-	Bacurau	E	27
Apodiformes				
Trochilidae				
<i>Glaucis hirsutus</i>	-	Balança-rabo-de-bico-torto	E	13
<i>Threnetes leucurus</i>	-	Balança-rabo-de-garganta-preta	E	09
<i>Eupetomena macroura</i>	-	Beija-flor-tesoura	E, D	50
<i>Anthracothorax nigricollis</i>	-	Beija-flor-de-veste-preta	E	18
<i>Thalurania furcata</i>	-	Beija-flor-tesoura-verde	E	23
<i>Hylocharis cyanus</i>	-	Beija-flor-roxo	E, D	45
<i>Amazilia versicolor</i>	-	Beija-flor-de-banda-branca	E, D	41
<i>Amazilia fimbriata</i>	-	Beija-flor-de-garganta-verde	E, D	68
Trogoniformes				
Trogonidae				
<i>Trogon melanurus</i>	<i>Uruku-a</i>	Surucuá-de-cauda-preta	E	68
<i>Trogon viridis</i>	-	Surucuá-de-barriga-amarela	E, D	77
<i>Trogon rufus</i>	-	Surucuá-dourado	E	45
Coraciiformes				
Alcedinidae				
<i>Megaceryle torquata</i>	<i>Yatawosi</i>	Martim-pescador-grande	E, D	82
<i>Chloroceryle amazona</i>	-	Martim-pescador-verde	E, D	77
<i>Chloroceryle americana</i>	-	Martim-pescador-pequeno	E, D	64
Momotidae				
<i>Momotus momota</i>	<i>Jeryp</i>	Udu	E, D	82
Galbuliformes				
Galbulidae				
<i>Galbula ruficauda</i>	-	Ariramba	E, D	54
Bucconidae				
<i>Nystalus chacuru</i>	-	João-bobo	E	13
<i>Nystalus maculatus</i>	-	Rapazinho-dos-velhos	E	04
<i>Monasa nigrifrons</i>	<i>Yaum</i>	Chora-chuva-preto	E, D	54
<i>Chelidoptera tenebrosa</i>	<i>Tapera-i</i>	Urubuzinho	E	09
Piciformes				
Ramphastidae				
<i>Ramphastos toco</i>	-	Tucanuçu	E, D	95

<i>Ramphastos tucanus</i>	-	Tucano-de-papo-branco	E, D	77
<i>Ramphastos vitellinus</i>	Yokwet	Tucano-de-bico-preto	E, D	90
<i>Pteroglossus aracari</i>	-	Araçari-de-bico-branco	E	77
<i>Pteroglossus castanotis</i>	-	Araçari-castanho	E, D	86
Picidae				
<i>Picumnus cirratus</i>	Ypekuĩ	Picapauzinho-barrado	E, D	86
<i>Melanerpes candidus</i>	-	Pica-pau-branco	E, D	82
<i>Veniliornis passerinus</i>	-	Pica-pau-pequeno	E, D	64
<i>Colaptes campestris</i>	-	Pica-pau-do-campo	E, D	77
<i>Dryocopus lineatus</i>	Ypekun	Pica-pau-de-banda-branca	E	59
<i>Campephilus melanoleucos</i>	-	Pica-pau-de-topete-vermelho	E, D	64
Falconiformes				
Falconidae				
<i>Caracara plancus</i>	-	Carcará	E, D	100
<i>Milvago chimachima</i>	-	Carrapateiro	E, D	86
<i>Herpetotheres cachinnans</i>	Makawã	Acauã	E, D	90
<i>Micrastur semitorquatus</i>	-	Falcão-relógio	E	59
<i>Falco sparverius</i>	Kwanu	Quiriquiri	E	59
<i>Falco ruficularis</i>	Kwanu	Cauré	E, D	64
Psittaciformes				
Psittacidae				
<i>Ara ararauna</i>	Kanineowiy	Arara-canindé	E, D	100
<i>Ara macao</i>	Kaninepirang	Araracanga	E, D	100
<i>Ara chloropterus</i>	Araruu	Arara-vermelha	E, D	100
<i>Ara severus</i>	Taraweeu	Maracanã-guaçu	E	64
<i>Primolius maracana</i>	Marakana	Maracanã	E	72
<i>Psittacara leucophthalmus</i>	Ajuru	Periquitão	E, D	90
<i>Eupsittula aurea</i>	Aruayup	Periquito-rei	E	72
<i>Pyrrhura picta</i>	Jendaya	Tiriba-de-testa-azul	E, D	86
<i>Forpus xanthopterygius</i>	Tuĩ	Tuim	E, D	90
<i>Pionus menstruus</i>	-	Maitaca-de-cabeça-azul	E, D	90
<i>Pionus maximiliani</i>	Ayuruu	Maitaca	E, D	82
<i>Amazona farinosa</i>	-	Papagaio-moleiro	E, D	86
<i>Amazona amazonica</i>	Tywape	Curica	E, D	72
<i>Deropterus accipitrinus</i>	-	Anacã	E	50
Passeriformes				
Thamnophilidae				
<i>Thamnophilus doliatus</i>	-	Choca-barrada	E, D	27
<i>Thamnophilus punctatus</i>	-	Choca-bate-cabo	E	23
<i>Taraba major</i>	-	Choró-boi	E	32
Dendrocolaptidae				
<i>Dendrocincla fuliginosa</i>	-	Arapaçu-pardo	E	13
<i>Sittasomus griseicapillus</i>	-	Arapaçu-verde	E	50
<i>Xiphorhynchus guttatus</i>	-	Arapaçu-de-garganta-amarela	E	36
<i>Dendroplex picus</i>	-	Arapaçu-de-bico-branco	E	23

Furnariidae				
<i>Synallaxis albenscens</i>	-	Uí-pi	E, D	64
Pipridae				
<i>Pipra fasciicauda</i>	-	Uirapuru-laranja	E	59
<i>Ceratopipra rubrocapilla</i>	-	Cabeça-encarnada	E	13
<i>Manacus manacus</i>	-	Rendeira	E, D	59
Tityridae				
<i>Tityra inquisitor</i>	-	Anambé-branco-de-bochecha-parda	E	59
<i>Tityra cayana</i>	-	Anambé-branco-de-rabo-preto	E, D	54
Cotingidae				
<i>Lipaugus vociferans</i>	Awia	Cricrió	E, D	41
<i>Ampelion rubrocristatus</i>	-	Red-crested cotinga	E	09
Rhynchocyclidae				
<i>Tolmomyias sulphurescens</i>	-	Bico-chato-de-orelha-preta	E	18
Tyrannidae				
<i>Camptostoma obsoletum</i>	-	Risadinha	E, D	36
<i>Elaenia flavogaster</i>	-	Guaracava-de-barriga-amarela	E, D	64
<i>Myiarchus ferox</i>	-	Maria-cavaleira	E, D	36
<i>Philohydor lictor</i>	-	Bentevizinho-do-brejo	E, D	64
<i>Pitangus sulphuratus</i>	Pitawã	Bem-te-vi	E, D	100
<i>Megarhynchus pintangua</i>	-	Neinei	E, D	90
<i>Tyrannus melancholicus</i>	-	Suiriri	E, D	86
<i>Empidonomus varius</i>	-	Peitica	E, D	64
<i>Fluvicola nengeta</i>	-	Lavadeira-mascarada	E, D	64
Vireonidae				
<i>Cyclarhis gujanensis</i>	-	Pitiguari	E, D	68
Corvidae				
<i>Cyanocorax cristatellus</i>	-	Gralha-do-campo	E	72
Hirundinidae				
<i>Progne tapera</i>	-	Andorinha-do-campo	E, D	64
<i>Progne chalybea</i>	-	Andorinha-grande	E	59
<i>Riparia riparia</i>	Myjujui	Andorinha-do-barranco	E	59
Troglodytidae				
<i>Troglodytes musculus</i>	-	Corruíra	E, D	86
<i>Campylorhynchus turdinus</i>	-	Catatau	E	36
Turdidae				
<i>Turdus amaurochalinus</i>	-	Sabiá-poca	E	64
Mimidae				
<i>Mimus saturninus</i>	-	Sabiá-do-campo	E, D	72
Passerellidae				
<i>Zonotrichia capensis</i>	-	Tico-tico	E	64
Icteridae				
<i>Psarocolius decumanus</i>	Jafu	Japu	E, D	86
<i>Psarocolius bifasciatus</i>	Jafu	Japuguaçu	E	86

<i>Cacicus haemorrhous</i>	Japukuapirang	Guaxe	E	86
<i>Cacicus cela</i>	Japi-i	Xexéu	E, D	82
<i>Icterus cayanensis</i>	-	Inhapim	E, D	86
<i>Icterus chryscephalus</i>	-	Rouxinol-do-rio-negro	E	54
<i>Icterus jamacaii</i>	-	Corrupião	E, D	82
<i>Molothrus bonariensis</i>	-	Chupim	E, D	82
Thraupidae				
<i>Cissopis leverianus</i>	-	Tietinga	E	45
<i>Tangara episcopus</i>	-	Sanhaço-da-amazônia	E, D	64
<i>Tangara sayaca</i>	-	Sanhaço-cinzento	E, D	86
<i>Tangara palmarum</i>	-	Sanhaço-do-coqueiro	E, D	59
<i>Tangara cayana</i>	-	Saíra-amarela	E	23
<i>Volatinia jacarina</i>	-	Tiziu	E, D	59
<i>Lanio cristatus</i>	-	Tiê-galo	E	36
<i>Tachyphonus rufus</i>	-	Pipira-preta	E, D	36
<i>Ramphocelus carbo</i>	-	Pipira-vermelha	E	45
<i>Dacnis cayana</i>	-	Saí-azul	E, D	41
<i>Coereba flaveola</i>	-	Cambacica	E, D	77
<i>Sporophila caerulescens</i>	-	Coleirinho	E, D	82
Fringillidae				
<i>Euphonia chlorotica</i>	-	Fim-fim	E, D	54

Fonte: trabalho de campo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os indígenas que foram entrevistados na Terra Indígena Kayabi demonstraram amplo conhecimento a respeito das aves existentes em seu território, apresentando riqueza de detalhes, percepção morfológica e ecossistêmica de grande diversidade de espécies, valendo-se de um amplo conjunto de critérios morfológicos, ecológicos, etológicos e acústicos.

O conhecimento que os Kayabi possuem sobre as aves e o conjunto de informações e princípios armazenados por estes indígenas são passados através da transmissão oral de geração para geração e ocupam um espaço importante dentro da comunidade estudada, estreitando as relações sociais.

REFERÊNCIAS

CBRO. COMITÊ BRASILEIRO DE REGISTROS ORNITOLÓGICOS. **Lista das aves do Brasil**. Versão 2015. Disponível em: <http://www.cbro.org.br>.

CARRARA, E. **Tsi Tewara: um voo sobre o Cerrado Xavante**. 1997. 798 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo. 1997.

CASTELNAU, F. **Expedição às regiões centrais da América do Sul**. Tomo II. São Paulo: Companhia Editora Nacional. v. 226 - A. 1949. 379 p.

CUNHA, A. G. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. São Paulo: EDUSP, 1978. 357 p.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília, Ministério do Meio Ambiente. 2001. 211 p.

FARIAS, G. B.; ALVES, A. G. C. Aspectos históricos e conceituais da etnoornitologia. In: **Revista Biotemas**, Florianópolis, v. 1, n. 20, p. 91-100, 2007.

GARCIA, R. Nomes de aves em língua Tupi. **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 1-54, 1929.

GIANNINI, I. V. **A ave resgatada: a impossibilidade de leveza do ser**. 1991. 205 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo. 1991.

GRÜNBERG, G. **Os Kayabi do Brasil Central: história e etnografia**. São Paulo: Instituto Socioambiental. 2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Manual técnico da vegetação brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. 271 p.

ISA. Instituto Socioambiental. **Terras Indígenas no Brasil**. Versão mar./2018. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br>

IHERING, H. V. As aves do Estado de São Paulo. In: **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, n. 3, p. 113-479, 1899.

LITTLE, P. E. Superimposed cosmographies on regional Amazonian frontiers. **Série Antropologia**, Brasília, n. 219, p. 1-32, 1997.

MELIÁ, B. Os Caiabis não-xinguanos. In: COELHO, V. P. (org.). **Karl von den Steinen: um século de antropologia no Xingu**. São Paulo: EDUSP. p. 485-509, 1993.

MINAYO, M. C.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 9, p. 239-262, 1993.

OLIVEIRA, F.C.B. **Quando resistir é habitar: lutas pela afirmação territorial dos Kayabi no Baixo Teles Pires**. 2010. 344 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SCHAUENSEE, R. M.; PHELPS-JR, W. H. **A guide to the birds of Venezuela**. Princeton: Princeton University Press, 1978. 424 p.

SENRA, K. V; SILVA, G. M.; ATHAYDE, S. F. Os Kayabi hoje: aspectos culturais e ambientais. In: GRUNBERG, G. (org.). **Os Kayabi do Brasil Central: história e etnografia**. São Paulo: Instituto Socioambiental, p. 251-295. 2004.

SICK, H. **Ornitologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 912 p.

SIGRIST, T. **Aves do Brasil**: uma visão artística. Vinhedo: AvisBrasilis, 2006. 672 p.

SILVA, F. A.; STUCHI, F. F. Evidências e significados da mobilidade territorial: a terra indígena Kayabi (Mato Grosso, Pará). **Amazônica**, Belém, n. 1, p. 46-70, 2010.

SNOW, D. **The cotingas**. London: Oxford University Press. 1982.

SOUZA, P. O. B. **Estudos de aspectos da língua Kayabi (Tupi)**. 2004. 78 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

STUCHI, F. F. **A ocupação da Terra Indígena Kayabi (MT/PA): história indígena e etnoarqueologia**. 2010. 336 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia e Etnologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

VIEIRA, C. O. C. Nomes vulgares de aves do Brasil. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, n. 20, p. 437-89, 1936.

VIERTLER, R. B. Métodos Antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia. In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. M. P. (org.). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, p. 12-29, 2002.

VUILLEUMIER, F. Sobre la necesidad de estandarizar los nombres em castellano y portugués de las aves neotropicales. **Ornitologia Neotropical**, Melbourne, n. 10, p. 69-75, 1999.
